



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### HOLOCAUSTO GUARANI: AS SEQUELAS DO IMPERIALISMO INGLÊS NA GUERRA CONTRA O PARAGUAI

Paulo Tarso Mascarenhas Pedreira\*  
(UESB)

José Rubens Mascarenhas de Almeida\*\*  
(UESB)

#### RESUMO

O presente artigo visa analisar o genocídio guarani e os crimes de guerra cometidos pela Tríplice Aliança (Império do Brasil, Argentina e Uruguai) contra a nação paraguaia. A Guerra do Paraguai (1864-1870), acontecimento histórico crucial da América Latina foi, sem sombra de dúvidas, um dos mais brutais conflitos do século XIX. Em nome da “civilização” e do “livre comércio”, o imperialismo inglês patrocinou a Tríplice Aliança no crime do genocídio contra a população paraguaia. Nesta perspectiva, a guerra serviu como instrumento vital de desestabilização econômica e política da Região do Prata, com o fito de concretizar o domínio inglês no Cone Sul. O processo teve, como consequência, a aniquilação do Paraguai, cravando sobre seu território e seu povo um estado de subserviência econômica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guerra do Paraguai, Imperialismo inglês.

---

\* Graduando do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, partícipe do Grupo de Estudos de Ideologias e Luta de Classes – GEILC/Museu Pedagógico da UESB. E-mail: paulotarso.ssa@hotmail.com

\*\* Orientador. Doutor em Ciências Sociais pela PUCSP, docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenador do GEILC/Museu Pedagógico da UESB e pesquisador do NEILS (Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais). E-mail: joserubensmascarenhas@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### INTRODUÇÃO

#### Uma nação em ruínas

A história militar das Américas retrata a Guerra da Tríplice Aliança como marcada por registros dos mais terríveis crimes de guerra já ocorridos na humanidade. Tal fenômeno representou o extermínio quase que total da sociedade paraguaia, numa campanha marcada por carnificina com requintes de crueldade, que não levaram em conta os protocolos da guerra. Para melhor entendimento do que representou este genocídio, faz-se necessário “uma compreensão dialética entre a crueldade, a natureza da guerra em face às necessidades históricas e o crime de guerra em si – uma ação criminosa sem justificativa histórica” (CHIAVENATO, 1988, p. 140).

Esse episódio da história militar do continente constituiu-se parte de um conjunto de guerras que caracterizaram a emergência e o desenvolvimento do imperialismo inglês na América do Sul, “o próprio processo de expansão capitalista global que multiplicava as tensões no mundo não-europeu, as ambições do mundo industrial e os conflitos diretos e indiretos dali surgidos” (HOBSBAWM, 1977, p.92).

O Paraguai teve como saldo da guerra o genocídio de sua população, perdas territoriais, a dissolução do seu modo de produção, a privatização de suas terras, tendo ainda que arcar com ressarcimentos do conflito, sendo forçado a contrair uma ampla dívida. Tais consequências causaram à nação paraguaia uma completa desestruturação político-social, com destaque para a fome como uma das mais terríveis mazelas do pós-guerra, provocando severo sofrimento aos sobreviventes, como registra Taunay (1870, p.300):

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Daquellas bandas têm chegado numerosas famílias paraguayas em estado peor, se possivelfôr, do que as outras anteriormente salvas. Verdadeiros cadáveres ambulantes, roidos pela fome, trazem consigo ossos carcomidos com que procurão fazer caldos ou laranjas azedas, que poupão como alimento saboroso e de ultimo recurso. Essas desgraçadas creaturas, niveladas com os brutos pelo soffrer incessante, accumulão-se junto aos depósitos do fornecimento e ahiajuntão do chão, grão por grão, o milho ou arroz que caia das saccas.

### **Um genocídio atroz**

O Paraguai que, segundo Chiavenato (1988, pp. 158-159) no início da guerra apresentava uma população de 800.000 habitantes, foi reduzido a cerca de vinte e cinco por cento desse contingente, restando apenas 194.000 sobreviventes, destes, 180.000 eram mulheres. A população paraguaia, antes da guerra, é importante ressaltar, teve 99,47 por cento dos homens em idade produtiva aniquilados. Tais dados estatísticos podem ser até questionados pela corrente neo-revisionista<sup>225</sup>, mas não pode negar o genocídio guarani como fato histórico. Além do mais, não faltam provas testemunhais que revelem as atrocidades. Centurión (2005, p.212) relata que

La soldadesca brasileira cometió muchos abusos; mato inútilmente y con indecible crueldad a muchas personas indefensas, y finalmente, para colmo de atrocidad, prendió fuego al campamento, muriendo carbonizados, i enfermos e heridos que yacían en los ranchos y pajonales!.

Oficial do exército paraguaio, Juan Crisóstomo Centurión, foi sobrevivente do conflito, tendo vivenciado o processo e testemunhado o genocídio de sua tropa

---

<sup>225</sup> O neo-revisionismo dos anos noventa, que tem como expoente Francisco Doratioto (*Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002), contesta os dados estatísticos expostos pelo jornalista e historiador Júlio José Chiavenato na sua polêmica obra *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*, bem como o revisionismo dos anos sessenta, encabeçado pelo argentino León Pomer em *Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. 2ª Edição. São Paulo: Global Editora, 1981.

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

e grande da maioria da população guarani. Nesse contexto, o próprio Exército Brasileiro, em boletim informativo das operações militares contra o Paraguai, redigido pelo então Marquez de Caxias, no Quartel General de Angostura<sup>226</sup>, nos dá subsídios de entender o atroz genocídio do conflito contra a nação paraguaia.

Direi que entre os cadáveres encontrados no terreno do combate acharam-se os de aleijados e feridos não curados ainda, e o de um menino de 11 a 12 annos que havia soffrido anteriormente uma amputação no braço esquerdo, e foi obrigado a combater com uma espada que ainda apertava em sua mão direita (TUNAY, 1870, p.137).

Em outra comunicação, agora no quartel de Villa Franca o Marquez de Caxias, além de deixar claro o caráter “civilizatório” que pautava o conflito, buscava dar um caráter humanitário ao genocídio, se apropriando do catolicismo para sacramentar a Guerra contra o Paraguai.

Os que tivessem commigo observado o que acabo de descrever, no solo de uma republica que se diz regida por livres instituições, e em um paiz que se proclama catholico, haviam convencer-se de que o mais irreconciliavel inimigo, que o infeliz povo paraguay tem tido e tem, é o seu actual dictador, Francisco Solano Lopez. Elles seriam os primeiros a declarar que as potências aluadas, independentemente da vingança das injurias feitas ás suas bandeiras,- cumprem, tratando de livrar o Paraguay de Lopez, a mais santa e justa missão que o catholicismo, a humanidade e a civilização lhes podia confiar (1870, p. 23).

Apesar do “ideal civilizatório” propagado pela Tríplice Aliança, que tinha como objetivo, “libertar” o povo guarani do julgo opressor de Solano Lopez, o que se pode observar na carta do tenente-coronel Manoel Antônio da Cruz Brilhante,

---

<sup>226</sup> Na [Guerra da Tríplice Aliança](#) (1864-1870) o Forte de Angostura foi ocupado pelas forças brasileiras.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

endereçada ao coronel João Sabino de Sampaio Menna Barreto, é de uma extrema frieza dos militares aliados ao descrever o resultado do extermínio da sociedade paraguaia.

A calcular-se pela precipitação da fuga do inimigo em numero de 3,000 homens, pelos cadáveres sobre que pisávamos, de homens de todas as idades, desde o menino de oito annos até o macrobio, e de mulheres de todas as idades também, cujo numero dos cadáveres masculinos excedia a mil (1870, p. 377).

### **Os crimes de guerra**

A Guerra do Brasil como é conhecida no Paraguai, foi palco de inúmeros “crimes contra a humanidade”, delitos pouco abordados pelos historiadores brasileiros, talvez por herança da historiografia republicana – preocupada com a consolidação de uma identidade nacional – fomentada de acordo aos interesses das classes dominantes que moldavam as narrativas referentes ao conflito, exaltando os militares brasileiros como heróis libertadores do Paraguai, coagido pelo julgo opressor de Solano Lopez. Partindo da concepção de que a história é contada pelos vencedores, tal versão republicana da história “despreocupou-se com as razões e os cenários sociais e nacionais da Guerra, privilegiando a apresentação cronológica do confronto, definido como choque entre a civilização [o Império] e a barbárie [o Paraguai]” (MAESTRI, 2009, p. 4).

Era praxe as tropas brasileiras capturarem combatentes paraguaios que negavam a lutar contra seus próprios compatriotas – muitos destes familiares. A maioria destes prisioneiros de guerra era agregada à infantaria dos batalhões, sendo empregados dentro do teatro de operações, na vanguarda das tropas bem na linha de frente dos embates. O suíço Ulrich Lopacher testemunha ocular da tomada



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

do Forte de Humanitá, integrante das forças armadas da Argentina – não por vontade própria, mas por imposição, pois foi ludibriado pelos aliados, assim como muitos europeus – presenciou um marcante episódio da guerra:

Durante a rendição dos de Humaitá aconteceu algo notável: um dos que se rendiam abandonou de imediato a seus companheiros, se precipitou, como louco, sobre um dos nossos e o abraçou, o beijou e não quis desprender-se dele: era um sargento da artilharia da fortaleza. Aconteceu que este sargento era uma sargenta em uniforme de artilheiro e que havia participado do sítio na Fortaleza de Humanitá. Nosso companheiro, um paraguaio, era seu marido e lutava, como prisioneiro (LOPACHER Apud CHIAVENATO, 1988,p. 144).

Doenças e epidemias fizeram parte do contexto genocida da campanha, numa guerra bacteriológica, contra a sociedade guarani. Não só pelo General Mitre entregar como prisioneiros as tropas paraguaias, os seus irmãos de armas contaminados com alguma doença infectocontagiosa, mas por contaminar os rios com cadáveres coléricos disseminando a cólera entre as populações ribeirinhas e aos militares paraguaios, causando um extenso número de mortos. O duque de Caxias através de correspondência confidencial ao imperador D. Pedro II, em 18 de setembro de 1867, relata como costumava agir juntamente com Mitre na contaminação dos rios:

O general Mitre está resignado plenamente e sem reserva as minhas ordens; ele faz quanto eu lhe indico, como tem estado muito de acordo comigo, em tudo, ainda enquanto a que os cadáveres coléricos, se joguem nas águas do Paraná, já da esquadra como de Itapiru, para levar o contágio às populações ribeirinhas, principalmente às de Corrientes, Entre Rios e Santa Fe que lhes são opostas (Apud CHIAVENATO, 1988, p. 145).

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

A venda de prisioneiros de guerra e civis como escravos pelas tropas aliadas tornou-se um lucrativo negócio para o Exército Brasileiro, o centro deste comércio doloso, era a cidade de Uruguaiiana. Em carta destinada ao vice-presidente da Argentina Marco Paz, datada de 4 de outubro de 1865, o general Mitre descreve como os militares brasileiros conduziam os negócios:

Nosso lote de prisioneiros em Uruguaiiana foi mais de 1400. Estranhará a V. o número, que deveria ser maior; mas a razão é que, por parte da cavalaria brasileira, houve no dia da rendição tal roubo de prisioneiros, que pelo menos arrebataram de 800 a 1000 deles, o que mostra a você a desordem dessa tropa, a falta de energia de seus chefes e a corrupção dessa gente. Pois os roubaram para escravos; até hoje mesmo andam roubando e comprando prisioneiros do outro lado (Apud CHIAVENATO, 1988, p. 146).

Ao analisar os crimes de guerra ocorridos na Guerra do Paraguai, é impossível a não se reportar ao sanguinário conde d'Eu, que no final do conflito assumiu o lugar do duque de Caxias, comandando o exército brasileiro no teatro de operações da campanha. Em menos de um ano a frente das tropas, o conde d'Eu estampou com sangue o seu nome na história das guerras como um dos maiores facínoras da humanidade. Acosta Ñu é cenário do mais sórdido crime de guerra cometido pelo conde d'Eu, sendo a verdadeira representação do holocausto guarani. A batalha é marcada pela desigualdade da correlação de forças, e “a pesar de esa inmensa desproporción, los paraguayos sostuvieron la lucha hasta las 5 de la tarde; es decir, que 20.000 hombres lucharon durante 8 horas contra 4.500 mal armados.” (CENTURIÓN, 2005, p.99).

Dentre os 4.500 paraguaios, 3.500 crianças de 6 a 15 anos, os niños combatientes foram fundamentais na estratégia de fuga de Solano Lopez para Cerro Corá, retardando as tropas aliadas. No fim do embate com um grande número de crianças moribundas no campo de batalha, o conde d'Eu em um ato de



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

extrema covardia “mandou incendiar a macega – no braseiro, viam-se crianças feridas correr até caírem vítimas das chamas.” (CHIAVENATO, 1988, p. 167). O saldo desta selvageria é relatado por Centurión (2005, p.97):

Las llamas a esa hora devoraban una parte del campo donde murieron carbonizados muchos heridos. Y la porción no incendiada ofrecía a la vista el triste y doloroso espectáculo de muertos y heridos, esparcidos por doquier; aquellos, inertes: éstos palpitantes; lanzando gritos desgarradores de dolor y de desesperación en las ansias de la muerte.

### **A história dos subjugados**

Na elaboração desta pesquisa, esforçamo-nos por romper com os padrões delineados pela história tradicional, buscando explicar as trágicas consequências das relações de poder na Guerra contra o Paraguai, dando ênfase à história que nos foi suprimida: a do cotidiano, dos marginais, dos bastidores da realidade. A “outra história”, na concepção de Rudé (1982). Corroborar com essa premissa Almeida quando afirma que, na realidade,

no âmbito acadêmico, raramente teve lugar uma história que desse conta da vida, das aspirações e da subjetividade das pessoas comuns, dos coletivos sociais, dos pobres, dos “dominados”, o que deixou uma lacuna profunda na trajetória desses segmentos [...] no que diz respeito à forma pela qual os coletivos sociais vivenciam, concebem, interferem e interagem no âmbito da sua realidade, transformando-a e sendo transformada por ela (2010, p. 159-160).

Nesse mesmo sentido, a historiografia da Guerra contra o Paraguai tem, ainda, um débito quanto ao holocausto guarani. Não se trata de vitimizar o Paraguai, que, no contexto da campanha, foi levado a cometer inúmeras





ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

atrocidades contra os aliados. Tais comportamentos cruéis devem ser explicados pela própria natureza da guerra. É preponderante vislumbrar que os fatos históricos apontam o imprescindível financiamento do capital inglês em todo processo de aniquilamento da nação guarani, e que toda trajetória de horrores ocorrida na Guerra contra o Paraguai, não seria possível acontecer sem este financiamento britânico.

Como resultado del proceso de penetración imperialista fue renaciendo el latifundio en gran escala y deformándose la estructura económica nacional, en consonancia con los intereses promovidos por la división internacional capitalista del trabajo. (VILABOY, 1984, p.177).

Com a oligarquia burguesa no poder, o liberalismo se expandiu, o livre comércio implantado em Assunção sacramentou os interesses imperialistas, principalmente britânicos, de conquista dos mercados da América do Sul. As bandeiras desfraldadas estampavam lemas como “civilização”, “progresso” e “modernidade”. Os ingleses atingiam seus objetivos imperialistas à custa de muito sangue, o sangue guarani.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. **América Latina: Transnacionalização e Lutas Sociais no Alvorecer do Século XXI; da luta armada como política (o caso EZLN)**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.

\_\_\_\_\_. **De pasamontañas e paliacates: a luta dos homens sem rosto (processo de construção da contra-hegemonia do Exército Zapatista de Libertação Nacional)**.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. **Memórias o Reminiscências Históricas de la Guerra del Paraguay** T.IV. Asunción: Biblioteca Virtual del Paraguay, 2005.

CHIAVENATO, Júlio José. **Genocídio americano: A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Guerra contra o Paraguai**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FONTANA, Josep. **A história dos homens**. Trad. Heloisa Jochims Reichel e Marcelo Fernando da Costa. São Paulo: EDUSC, 2004.

HOBBSAWM, Eric. **A Era do Capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MAESTRI, Mário. “Guerra contra o Paraguai: da instauração à restauração historiográfica”. In: **Revista Espaço Acadêmico**, Ano II, nº 20, janeiro/2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/020/20hmaestri.htm>. Acessado em 07/05/2011.

POMER, León. **Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 1981.

\_\_\_\_\_. **Guerra do Paraguai: nossa guerra contra esse soldado**. 7. ed. São Paulo: Global Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **La Guerra del Paraguay**. Gran negocio! Buenos Aires: Calden, 1968.

RUDÉ, G. **Ideologia e protesto popular**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982.

SILVA, Luís Alves de Lima e. **História da Guerra do Brasil contra as Republicas do Uruguay e Paraguay**. Considerações sobre o Exército do Brasil e suas campanhas. Rio de Janeiro: Livraria de A. G. Guimarães & Cia, 1871.

TAUNAY, Visconde de. **Campanha do Paraguay: Diario do exercito 1870**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1870.

VILABOY, Sergio Guerra. **Paraguay: de La Independencia a la Dominacion Imperialista. 1811-1870**. Havana, 1984.